

## “OS GUINLE” COMO AGENTES DO CLUBE DE ENGENHARIA<sup>1</sup>

Cláudia Regina Salgado de Oliveira Hansen\*

### **Resumo:**

No presente trabalho analisamos a participação do “Grupo Guinle” no Grupo Dirigente do Clube de Engenharia, agremiação de engenheiros e industriais fundada no Brasil em fins do século XIX, mediante a ocupação de cargos e envolvimento nas discussões temáticas. Apoiando-nos nas reflexões de Gramsci sobre o Estado, apreendemos o Clube de Engenharia como “partido” já que essa agremiação defendia questões específicas das frações de classe que procurava representar, e como unificava interesses e também difundia visões de mundo, atuava como dirigente, tornando possível a inserção dessas frações em diferentes esferas de poder. E o “Grupo Guinle”, tal como constatamos, a partir da leitura das Atas do Conselho Diretor e da Revista da agremiação, especialmente Gabriel Osório de Almeida, foi parte integrante significativa do grupo de agentes do Clube de Engenharia.

*Palavras-Chave:* “Grupo Guinle” - Grupo Dirigente do Clube de Engenharia - Gabriel Osório de Almeida

### **Abstract:**

In the present paper we analyze the participation of the “Guinle Group” in the Engineering Club’s Management, an association of engineers and manufacturers founded in Brazil in the late nineteenth century by the conquest of important positions and involvement in thematic discussions. Based on the reflections of Gramsci about the State, we consider the Engineering Club a “party” as this association always defended specific issues concerning the classes it aimed to represent. Also as it unified interests and diffuse different world views, it acted as a management group, enabling the insertion of the aforementioned classes in different spheres of power. After a study of the records of the Board of Directors and the Magazine of the association, we found that the “Guinle Group”, especially Gabriel Osório de Almeida, played an important role in the Engineering Club.

*Keywords:* “Group Guinle” – Engineering Club’s Managing Group – Gabriel Osório de Almeida

O Clube de Engenharia foi fundado na cidade do Rio de Janeiro, em 1880. O artigo primeiro do Estatuto dessa nova associação estabelecia que ela tinha como objetivo promover e estreitar as relações entre os engenheiros e os representantes dos vários ramos de indústrias para satisfazer os interesses dos dois grupos.

---

<sup>1</sup> \*Doutoranda em História Social – Universidade Federal Fluminense.

□ Ao utilizarmos a expressão agentes, neste trabalho, pretendemos realçar as considerações feitas por Pierre Bourdieu acerca das articulações entre o subjetivo e o objetivo. Bourdieu afirma que o princípio da ação de um artista, governante, operário, funcionário público, não é o de uma pessoa/sujeito que se oporia à sociedade, como faria um objeto constituído na exterioridade. Essa ação resultaria da relação entre dois estados do social, ou seja, a história objetivada nas coisas, sob a forma de instituições, e a história encarnada nos corpos sob a forma de habitus. (Bourdieu,1974;Corcuff,2001;Ortiz,1983).

Maria Inez Turazzi (Turazzi, 1989:39), Paulo Brandi Cachapuz (Centro de Memória da Eletricidade, 2001:31) e Cezar T. Honorato (Honorato, 1996:5) afirmam que a instituição foi pensada para ser uma associação de engenheiros e industriais, mas também uma instituição que deveria ser colocada a serviço da engenharia nacional. Para além dessa característica, esses mesmos autores destacam outros aspectos importantes e que nos dão uma dimensão melhor do papel que essa instituição desempenhou no Brasil daquele período: Paulo Brandi Cachapuz ressalta a ligação estabelecida, a partir dos próprios estatutos da instituição, entre os engenheiros e os industriais; Cezar Honorato enfatiza a importância da instituição nas discussões que envolviam ciência e tecnologia; e Maria Inez Turazzi, além de realçar também a proximidade entre os engenheiros e industriais, destaca as relações existentes entre membros do Clube de Engenharia e os ocupantes de cargos públicos, e entre as discussões técnicas ocorridas no Clube e as decisões de Governo.

Vânia Maria Cury (Cury, 2000) e Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro Marinho (Marinho, 2008), que estudaram recentemente a associação em foco, trouxeram contribuições preciosas para sua compreensão. Vânia Cury mostra que o Clube de Engenharia foi importantíssimo para os engenheiros, pois a agremiação criou mecanismos que levaram os profissionais da engenharia a terem a primazia no comando das principais atividades em obras públicas no início do século XX. Pedro Marinho ressalta que os agentes dessa associação foram capazes de representar os interesses de algumas frações da classe dominante, como também de unificar esses interesses, difundir suas visões de mundo e, ainda, fazer com que grande parte dos seus projetos fossem inscritos na sociedade política. Portanto, tal como afirmaram Turazzi, Cachapuz, Cezar Honorato e também Vânia Cury e Pedro Marinho, o Clube de Engenharia foi mais do que apenas uma instituição profissional.

Todos esses trabalhos apontam para a posição de destaque ocupada pelo Clube de Engenharia na sociedade Brasileira de fins do século XIX e início do XX. Seja como um espaço de fortalecimento da engenharia civil; como espaço de formulação de idéias ligadas não só a engenharia civil, mas também a possibilidade de crescimento da economia nacional; como espaço de interseção entre o conhecimento técnico e a ocupação de cargos nas administrações municipais, estaduais e também federais. E também como espaço de formulação de uma determinada visão de mundo.

Considerando a indiscutível importância do Clube de Engenharia na economia e sociedade brasileira da Primeira República, e considerando que uma boa história empresarial procura estudar a empresa levando em conta as “articulações recíprocas entre relações sociais e práticas empresariais” (Levy, 1994:48), analisamos a participação do “Grupo Guinle” nessa

instituição. Para tanto, o texto consta dessa introdução, de uma seção dividida em duas subseções, e de algumas considerações finais. Na primeira subseção, fizemos uma breve discussão acerca do perfil da instituição, e na segunda procuramos mapear e analisar a presença do “Grupo Guinle” na instituição.

## 1. Clube de Engenharia: perfil institucional e “os Guinle” na composição dos seus quadros

### 1.1 Considerações sobre o perfil da instituição

Entre os anos de 1880 e 1930 fizeram parte do Clube de Engenharia engenheiros de diversas partes do Brasil e do exterior, mas também industriais, negociantes e políticos, especialmente os da cidade do Rio de Janeiro (Turazzi, 1989:41). Cidade que, nesse período, detinha a condição de capital do Império – e, posteriormente, da República - e apresentava grande dinamismo econômico, pois tinha o maior crescimento urbano e industrial do país.<sup>2</sup>

Turazzi (Turazzi, 1989:38-46) mostra que os sócios dessa instituição eram, em geral, formados na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e que eram homens identificados àqueles que “sabiam mandar”; mostra também a existência de uma aproximação tanto ideológica quanto prática entre os engenheiros e industriais. Assinala ainda o entrelaçamento desses homens em academias de ensino, associações profissionais e direções de empresas ou de entidades de classe ligadas à indústria.<sup>3</sup>

Pedro Marinho (Marinho, 2008:189-198), ao fazer uma análise da Diretoria do Clube de Engenharia em fins do século XIX e início do século XX, independente de terem endereço profissional ou residencial no Rio de Janeiro, confirma o que Turazzi destacou, pois defende que o Clube de Engenharia era uma instituição de representação nacional, mas que o Rio de Janeiro predominava como sendo o local de origem da maioria dos dirigentes<sup>4</sup>. Mostra que a maioria dos Presidentes e dos Vice-Presidentes do Clube eram do Rio de Janeiro, já os

---

<sup>2</sup> A região oferecia grandes oportunidades de emprego no setor econômico privado e também no público, pois a cidade sofrera várias intervenções governamentais para a transformação do seu espaço. Além disso, havia oferta significativa de empregos nas repartições públicas federais e municipais, no Legislativo e nas instituições militares. Além disso, era também o principal centro industrial do país até os anos de 1920.

<sup>3</sup> Turazzi destaca a influência do evolucionismo, naturalismo, positivismo, enfim, de um cientificismo sobre a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX e início do XX, e que idéias de “progresso, civilização, trabalho, ordem” contagiaram, entre outros, os industriais e engenheiros. Destaca também que a Escola Politécnica e o Clube de Engenharia contribuíram para a difusão dessas doutrinas no seio das elites do país. E entre os nomes ressaltados pela autora para mostrar o entrelaçamento desses homens na sociedade estão Jorge Street e Gabriel Osório de Almeida, dois dos sócios de Cândido Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle, os dois homens fundadores dos muitos negócios de Gaffrée&Guinle (Turazzi, 1989:39-46).

<sup>4</sup> Marinho está se referindo àqueles que ocuparam cargos na diretoria da instituição.

agentes que ocuparam os cargos de segundo Vice-Presidente eram de vários locais do país; que havia um revezamento entre a ocupação dos cargos de Presidente e 1º Vice-Presidente; e ainda, que havia uma relação entre a ocupação dos cargos de Presidente e 1º Vice-Presidente do Clube e a ocupação de postos na administração pública. Conclui, no entanto, que na instituição se agruparam indivíduos que já tinham ligações com cargos públicos, mas que essa associação também impulsionava seus sócios à ocupação desses mesmos cargos. E, ao analisar a formação desse *grupo dirigente*, mostra que alguns deles tinham mais de uma formação superior enquanto outros nem formação superior tinham, e dentre os que eram engenheiros, a maioria dedicou-se à Engenharia Civil e formaram-se pela Escola Central/Politécnica do Rio de Janeiro.<sup>5</sup>

Portanto, era o Clube de Engenharia uma instituição de engenheiros e também industriais (Turazzi, 1989)<sup>6</sup>, já que objetivava organizar e representar os interesses confluentes entre os engenheiros e os industriais. Homens que faziam parte de uma intrincada e complexa rede de ocupações e funções, pois eram engenheiros, mas também industriais; eram industriais, mas também políticos; eram engenheiros, mas também diretores de empresas públicas ou privadas. Mas era mais do que uma associação profissional, pois, além de estar a serviço da engenharia nacional, ela teria nascido como uma instituição classista (Marinho, 2008:202), já que os engenheiros, em especial os engenheiros civis, envolvidos pela concepção de “progresso” e “modernidade”, conhecedores da técnica de construção, eram os legítimos representantes dos desafios exigidos pela fração da classe dominante ligada ao setor da agroexportação e pela classe dos industriais ligados às atividades manufatureiras e comerciais.<sup>7</sup>

## 1.2 “Os Guinle” na composição dos quadros do Clube de Engenharia

Cândido Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle, naturais de São Pedro do Rio Grande do Sul, mas domiciliados e estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro com o comércio de fazendas,

---

<sup>5</sup> O autor trabalhou com 126 associados do Clube (sócios-fundadores ou não) que, em algum momento, integraram sua diretoria. Esse grupo formou a amostra controlada da pesquisa sobre o Clube de Engenharia e foi por ele chamado de *grupo dirigente*. Mostrou que dentro do quadro dirigente, pelo menos, 21 sócios (16%) ocuparam cargos eletivos e não eletivos na sociedade política (Marinho, 2008:189-198).

<sup>6</sup> No Clube de Engenharia o termo “industrial” recebia comumente a denominação de “classe” no sentido de categoria profissional, a exemplo dos engenheiros. Na condição de industriais incluíam-se tanto os que eram proprietários, quanto àqueles que gerenciavam ou dirigiam a fabricação, manufatura ou mesmo comercialização de produtos industriais (Turazzi, 1989:15).

<sup>7</sup> Salientamos que o conceito de indústria nesse período referia-se a um grande conjunto de atividades e trabalhos, ligando-se a atividade manufatureira, e também a agricultura, pecuária e extrativismo.

em 1874, foram os fundadores dos primeiros negócios do que viria a se transformar em um grande conjunto de negócios em fins do Império e início da República.<sup>8</sup>

Constatamos que o primeiro grande investimento de Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle no setor dos serviços públicos se deu com homens que eram sócios do Clube de Engenharia desde seus primórdios. Dos oito sócios da Gaffrée, Guinle&Cia, fundada em 1888, para executar as obras do Porto de Santos, seis eram sócios do Clube de Engenharia. Desses seis, um fora sócio fundador, Hippólito Veloso Pederneiras, três se filiaram ainda em 1881-1882, José Pinto de Oliveira, Cândido Gaffrée e Francisco Justiniano de Castro Rabello, Eduardo Palassin, em 1885, e Alfredo Camilo Valderato, em 1888. Portanto, os sócios da Gaffrée, Guinle&Cia já faziam parte do Clube de Engenharia quando fundaram a companhia (Revista do Clube de Engenharia, n.24 1912; Honorato, 1996:111).

Em 1892 quando a Gaffrée, Guinle&Cia. transformou-se na Companhia Docas de Santos, constatamos que a estreita relação entre o Clube de Engenharia e os sócios da nova empresa permanecera, pois grande parte dos acionistas eram também sócios do Clube. Cabe inclusive destacar o nome de André Gustavo Paulo de Frontin, sócio da Docas de Santos e que vai presidir o Clube de 1903 até 1933.<sup>9</sup> Enfim, Gaffrée e Eduardo P. Guinle estiveram desde a fundação dos seus primeiros grandes negócios muito ligados à instituição.

E a partir da observação de quem eram os acionistas da Companhia Brasileira de Energia Elétrica – empresa fundada pelo Grupo, em 1909, para cuidar dos serviços de eletricidade -, e de quem eram os acionistas de outras quatro empresas dos dois negociantes, fundadas em fins do século XIX e início do XX, percebemos: primeiro, que alguns deles, além dos filhos de Eduardo Palassin Guinle, eram sócios de Gaffrée e Palassin em mais de um negócio; segundo, que eram também sócios do Clube de Engenharia<sup>10</sup> (Hansen, 2006:248).

Portanto, não eram só Gaffrée e Palassin Guinle que estavam presentes na instituição, mas sim um grupo de empresários ou “negociantes”<sup>11</sup> a eles ligados, e essa relação estreita

---

<sup>8</sup> Arquivo Nacional. Série Indústria e Comércio. Livro 1º, tomo 4º da matrícula dos commerciantes, corretores, agentes de leilões, trapicheiros e adiministradores de armazéns de depósito – Tribunal do Commercio da Capital do Império. 1º de outubro de 1868. IC<sup>39</sup>. Constam como pertencentes ao “Grupo Guinle”, além dos negócios citados nesse trabalho: Cia. de Fiação e Tecidos Aliança, Cia. Hotéis Palace, Cia. Segurança Industrial, Cia. Imobiliária Kosmos, Cia. Fazendas Reunidas Normandia, Cia. Ítala das Sedas, etc. (Marques, 1998:173).

<sup>9</sup> Dos 15 acionistas da Cia. Docas de Santos, no momento da sua fundação, em 1892, 10 deles eram também sócios do Clube de Engenharia (Revistas do Clube de Engenharia, 1887-1933; Honorato, 1996:122-123).

<sup>10</sup> O que estamos chamando de “Grupo Guinle” é esse grupo de homens que eram sócios de Gaffrée e Guinle em vários negócios. Destacamos alguns dos sócios de Gaffrée e Guinle que ocuparam cargos na diretoria do Clube de Engenharia: Gabriel O. de Almeida era sócio deles em uma empresa; Jorge Street em três; João E. Vianna em duas e Saturnino C. Gomes em duas.

<sup>11</sup> Ressaltamos que consideramos Gaffrée e Palassin como negociantes, inclusive, tal como já afirmamos anteriormente, estavam matriculados no Tribunal do Comércio do Império, e para entendermos essa palavra

existente entre o “Grupo Guinle” e o Clube de Engenharia atravessou o século XIX e se fortaleceu no século XX, pois foi no século XX que alguns homens do “Grupo Guinle”, além da Gaffrée e Palassin, ocuparam cargos no que Eduardo Marinho chamou de grupo dirigente do Clube de Engenharia, conforme nos informa o Quadro 1:

**Quadro 1: Relação dos homens ligados a Gaffrée e Palassin Guinle e que fizeram parte do grupo dirigente da instituição<sup>12</sup>**

<b>Nomes</b>	<b>Data e classificação da Filiação</b>	<b>Ocupação no Clube de Engenharia/Período</b>
Eduardo Palassin Guinle	1885/Industrial	Conselho Diretor (1897, 1900, 1901,1902) 2ºVice-presidente (1903-1912)
Cândido Gaffrée	1882/Industrial	Tesoureiro (1888,1889) Conselho Fiscal (1900-1912) 2ºVice-presidente (1913-?)
Gabriel Ozório de Almeida	1891/ Engenheiro	Presidente (1900-1902) Conselho Diretor (1892,1895,1896,1897,1902,1903,1905-1925)
Jorge Street	1896/Industrial	Conselho Diretor/1900;1906-?? 2ºVice-presidente/1922-1926
Guilherme Guinle	1903/Engenheiro	Conselho Diretor/1913;1922-1929 2º Vice-presidente/1930-1933
João Evangelista Vianna	1896/Industrial	Conselho Fiscal/ Suplente (1903-1910)
Saturnino Cândido Gomes	1909/Industrial	Tesoureiro(1922)

Fonte: Revistas do Clube de Engenharia, 1887-1933.<sup>13</sup>

O quadro, indicado acima, retrata a presença significativa de alguns dos homens ligados a Gaffrée e Palassin Guinle no Clube de Engenharia, e também no chamado grupo dirigente da mesma instituição, entre os anos de 1880 e 1933.

Os dois fundadores dos negócios do grupo Gaffrée&Guinle, Eduardo P. Guinle e Cândido Gaffrée, classificados como industriais, fizeram parte da instituição desde os seus primeiros anos de existência, pois Gaffrée filiou-se em 1882 e Palassin em 1885, e em 1903 se tornaram sócios beneméritos da mesma. Também foram esses dois os sócios do Clube que contribuíram

---

recorremos a definição proposta por José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu: “São aqueles que empregam grandes fundos em tráficos e manufaturas pondo em rápido movimento e extensão a indústria nacional, salariando e mantendo muitas pessoas, e assim indireta mais eficazmente promovendo a agricultura, original fonte de riquezas nacionais (...). São os que fazem comércio da especulação, bancos e seguros. Precisam de grande penetração, sagacidade e inteligência teórica e prática para bem calcularem as circunstâncias vantajosas aos negócios que projetam” (Lisboa, 1819:69).

<sup>12</sup> Seguimos aqui a sugestão de Pedro Marinho ao utilizarmos a expressão *grupo dirigente* para nos referirmos àqueles que ocuparam cargos na Diretoria da instituição.

<sup>13</sup> Além dos sócios do Clube de Engenharia que formavam o “Grupo Guinle” e que já foram listados, mencionamos ainda: Eduardo Guinle, Otávio Guinle, Arnaldo Guinle, Carlos Guinle e César de Sá Rabello. Algumas informações sobre a composição da diretoria do Clube ficaram incompletas porque não existe um documento com a listagem de todos os membros da diretoria ao longo de todo o tempo de existência da instituição. As informações foram tiradas de revistas que publicaram a composição da diretoria, outras foram tiradas da contra-capa de algumas revistas que também publicaram a composição da diretoria. Não foi possível também listar a diretoria pelas atas das sessões do Conselho Diretor porque nem sempre todos os membros estavam presentes nas reuniões.

com as maiores quantias em dinheiro para a aquisição e reconstrução do prédio da instituição na Rua da Quitanda n.49, no ano de 1902.<sup>14</sup>

Gaffrée ocupou o cargo de Tesoureiro do Clube de Engenharia nos anos de 1888 e 1889, e fez parte do Conselho Fiscal no período de 1900-1912, cargo ocupado, segundo Pedro Marinho, só por empresários. Em 1913, no entanto, após a morte de Eduardo Palassin Guinle, passou a ocupar o cargo de 2º Vice-Presidente, mas não sabemos precisar ao certo se ele permaneceu nesse cargo até o ano de seu falecimento, em 1919.<sup>15</sup> Junto a Graffrée, também no Conselho Fiscal da instituição, estava João Evangelista Vianna, assumindo um cargo de suplente. Logo, a contribuição de Gaffrée para a instituição parece ter sido essencialmente administrativa, pois mesmo depois de assumir o cargo de 2ª vice-presidente, não se envolveu em discussões técnicas.<sup>16</sup>

Eduardo Palassin Guinle aparece um pouco mais envolvido nas discussões burocráticas ou técnicas que ocorriam na instituição, pois fez parte do Conselho Diretor e foi 2º Vice-Presidente do Clube durante nove anos. Em 1896, dez anos depois de admitido como sócio, participou de uma comissão para estudar as tarifas estaduais das estradas de ferro (Revista do Clube de Engenharia, 1897:20). E como Vice-Presidente do Clube, no período de 1903-1912, esteve também presente em algumas reuniões do Conselho Diretor, especialmente em 1907, quando presidiu algumas das sessões, mas não tomou parte nas inúmeras discussões, e os temas discutidos nas reuniões em que esteve presente eram quase sempre burocráticos, referindo-se às eleições da diretoria, balanços sobre a situação financeira do Clube, projetos do novo edifício do Clube, etc. (Revistas do Clube de Engenharia, n.17 1907; n. 18 e 20 1909; n. 23 1912; n.26 1913; n. 27 1925; n.28 1926; n.29 1927).

Jorge Street, admitido como industrial e sócio do Clube no ano de 1896, e um dos grandes parceiros de Gaffrée e Palassin Guinle, teve participação pontual nas discussões técnicas ocorridas na instituição. Sua presença e participação intensa se deu nos primeiros meses do ano de 1906, quando da discussão sobre a questão do preço da venda do kwh no Distrito Federal, como membro do Conselho Diretor (Revista do Clube de Engenharia, n.21 1910: 197-208)<sup>17</sup>. E, ainda, ocupou o cargo de 2º Vice-Presidente no período de 1922-1926.

---

<sup>14</sup> Registramos as contribuições de Gaffrée e Palassin Guinle, que doaram 10:000\$00 cada um (Revista do Clube de Engenharia, n.17 1907:140; Revista do Clube de Engenharia, n.18 1909:102).

<sup>15</sup> As Revistas do Clube de Engenharia não foram publicadas nos anos de 1914-1922 e não encontramos outra fonte para fazer o levantamento da diretoria do Clube.

<sup>16</sup> O nome de Cândido Gaffrée não aparece em nenhuma das atas das sessões do Conselho Diretor.

<sup>17</sup> Consideramos importante salientar que Jorge Street, além de sócio de Gaffrée e Palassin Guinle em mais de uma empresa, fora também um dos fundadores do Centro Industrial do Brasil, em 1904.

Já Gabriel Osório de Almeida, filiado como engenheiro, teve uma participação bastante importante e ativa no grupo dirigente do Clube de Engenharia, especialmente no que se refere à unificação dos interesses do grupo e difusão de visões de mundo. Associou-se em 1891, foi primeiro vice-presidente e presidente do Clube no período de 1900-1902, e fez parte do Conselho Diretor ao longo de muitos anos, inclusive, na sua gestão como presidente do Clube de Engenharia é que foi organizado o primeiro Congresso de Engenharia e Indústria, no Brasil. No Conselho Diretor, responsável pela elaboração de pareceres e de consultas técnicas, sua participação, no período de 1896-1907, foi sempre muito intensa, integrando comissões, apresentando pareceres, apresentando apertes sobre os estudos realizados, entre outros.(Revistas do Clube de Engenharia, 1901-1929:). No período de 1896 a 1897, por exemplo, participou de 53% das reuniões do Conselho Diretor; no ano de 1901 88%; no período de 1902 a 1905 56% e, no período de 1906 a 1908, 46%. O que mostra seu grande interesse e contribuição para as discussões e decisões tomadas pelo Conselho (Revistas do Clube de Engenharia, 1900-1915; Atas do Conselho Diretor do Clube de Engenharia, 1886-1887,1887-1898).

Além desses, cabe ainda mencionar a participação de Guilherme Guinle, filiado como engenheiro em 1903, e ocupante de um lugar no Conselho Diretor e também da segunda vice-presidência, no período de 1930-1933, e de Saturnino Cândido Gomes que foi tesoureiro da instituição no ano de 1922.

As posições ocupadas pelo “Grupo Guinle”, em resumo, eram as seguintes: um deles na 2ª Vice-Presidência, dois deles no Conselho Fiscal, e dois deles no Conselho Diretor, fora os que de forma mais esporádica participavam do Conselho Diretor. Com a morte de Eduardo Palassin Guinle, em 1912, Gaffrée substituiu Eduardo P. Guinle no cargo de 2ºVice-Presidente. Nesse mesmo ano Guilherme Guinle, que assumiu também a direção da CBEE e de todos os negócios do pai, passou a fazer parte do Conselho Diretor.<sup>18</sup> Anos mais tarde, após a morte de Gaffrée, Jorge Street (1922-1926) e Guilherme Guinle (1930-1933) ocuparam também o cargo de 2º Vice-Presidente do Clube.

---

<sup>18</sup> Adolph Aschoff também merece ser citado. Engenheiro associado em 1896 e integrante do Conselho Diretor do Clube, desde 1897, teve uma participação bastante significativa nas discussões do Conselho Diretor e que nos interessa muito de perto, pois participou das discussões, em 1900, sobre a concessão Willian Reid e também sobre o Projeto de Lei n.65, de 1903, que procurava regularizar o serviço de energia elétrica na Capital Federal. No entanto, não pode ser, assim como os outros homens mencionados, considerado um membro do grupo Gaffrée&Guinle dentro do Clube de Engenharia, pois somente em 1903 se associa aos filhos de Eduardo P. Guinle, Eduardo Guinle e Guilherme Guinle para fundar a Aschoff&Guinle, e falece em 1904.



Tal como podemos verificar, a chegada de Gaffrée, Palassin Guinle e seus parceiros de negócios no grupo dirigente do Clube se deu, de forma mais sistemática, na primeira década republicana. Gaffrée foi uma exceção, e uma exceção interessante, pois substituiu Jacob Conrado de Niemeyer no mandato de 1888-1889, único mandato, no período de 1880-1922, em que Jacob C. Niemeyer não esteve à frente da tesouraria do Clube, quando foi deslocado para o Conselho Diretor. E em um momento, segundo Pedro Marinho, decisivo para a instituição já que ocorrera o golpe republicano e um aumento significativo no número de sócios incluídos no Conselho Diretor (Marinho, 2008:189). Portanto, Gaffrée, no momento mesmo do golpe republicano, assumira uma das posições no grupo dirigente do Clube de Engenharia.<sup>19</sup>

Concluimos, então, que a participação “dos Guinle” foi muito importante dentro do Clube de Engenharia no momento em que o Clube gozava de grande prestígio. Enquanto Gaffrée e Palassin Guinle estiveram ligados às questões administrativas da instituição, especialmente Gabriel Osório de Almeida e também Jorge Street, estiveram ligados às questões técnicas e políticas. Ressaltamos ainda que houve uma manutenção das posições assumidas pelos representantes do “Grupo Gaffrée&Guinle” dentro do Clube de Engenharia, pelo menos, nas primeiras três décadas republicanas, o que a nosso ver, sinaliza prestígio do grupo dentro da instituição, pois eram todas ocupações que resultavam de votação.

Logo, o grupo “dos Guinle” ocupou posições chave da instituição. Posições importantes na definição de pareceres que, muitas vezes, eram definidores de políticas públicas; posições que funcionavam como trampolim para a ocupação de cargos públicos eletivos ou não; posições controladoras das finanças da instituição. Portanto, fizeram parte desse grupo de homens “que sabiam mandar”, que produziam uma determinada visão de mundo, que interferiam nos rumos das políticas públicas.

### Considerações Finais

A importância que o Clube de Engenharia adquiriu na sociedade brasileira de fins do século XIX e início do XX, especialmente as relações existentes entre os membros do Clube de Engenharia e os ocupantes dos cargos públicos e as relações entre as discussões técnicas ocorridas na instituição e as decisões de governo, reforçam nossa idéia de que uma boa

---

<sup>19</sup> Chamou nossa atenção o fato de Conrad Niemeyer ter sido, em 1922, substituído pelo Comendador Saturnino Cândido Gomes, sócio de Gaffrée e Palassin Guinle em duas empresas.

história empresarial tem que procurar analisar as estratégias empresariais estabelecidas para além dos muros da própria empresa.

Conseguimos, após levantamento exaustivo nas Atas das sessões do Conselho Diretor e nas Revistas da instituição, demonstrar que além de Gaffrée e Palassin, vários dos seus sócios eram associados da instituição e, mais que isso, ocupavam cargos importantes na Diretoria da mesma, e fizeram questão de mantê-los por um longo tempo. Portanto, conseguimos demonstrar que o “Grupo Guinle” foi parte importantíssima na constituição da instituição e que ocupou posições-chave dentro dela.

### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Alfredo W. Berno de. *A ideologia da decadência*. São Paulo: IPES, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CARONE, Edgar. *O Centro Industrial do Rio de Janeiro e sua importância e participação na economia nacional (1827-1977)*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.
- CORCUFF, Philippe. *As novas sociologias*. São Paulo: Edusc, 2001.
- CURY, Vânia Maria. *Engenheiros e Empresários: o Clube de Engenharia na gestão de Paulo de Frontin (1903-1933)*. Niterói/PPG-UFF, 2000. (Tese de Doutorado).
- FAIRCLOUGH, Nornam. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Ed. UNB, 2001.
- GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere*. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- HANSEN, Cláudia Regina Salgado de Oliveira. *O poder da Companhia Brasileira de Energia Elétrica em Petrópolis*. Niterói/PPGH-UFF, 2006. (Dissertação de Mestrado)
- HONORATO, Cezar (coord). *O Clube de Engenharia nos momentos decisivos da vida do Brasil*. Rio de Janeiro: Clube de Engenharia, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O polvo e o porto: a Cia. Docas de Santos (1888-1914)*. São Paulo-Santos: Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.
- LEVY, Maria Bárbara. *O Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994.
- LISBOA, José da Silva. *Princípios do Direito Mercantil e Leis da Marinha*. Lisboa: Imprensa Régia, 1819. Tratado V, p.69. In: GUIMARÃES, Carlos Gabriel. *Bancos, Economia e Poder no Segundo Reinado: o caso da sociedade Bancária Mauá, Macgregor&Cia. (1854-1866)*. Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1997, p.65. (Tese de Doutorado)
- MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. *Ampliando o Estado Imperial: os engenheiros e a organização da cultura no Brasil oitocentista, 1874-1888*. Niterói/PPGH-UFF, 2008.(Tese de Doutorado).
- MARQUES, Maria Teresa Cristina de Novaes. *O setor bancário privado carioca entre 1918 e 1945. Os bancos Boavista e Português no Brasil – um estudo de estratégias empresariais*. Rio de Janeiro/UFRJ, 1998.(Dissertação de Mestrado).
- MENDONÇA, Sônia Regina de. O Convênio de Taubaté e a Economia Agrícola Fluminense. *Lócus: Revista de História*. Juiz de Fora, V.5, n.1, 1999.p.33-39.

\_\_\_\_\_. “A balança, a régua e o arado: sistemas de ensino e habitus de classe na Primeira República”. In: *Cadernos do ICHF*. Niterói: UFF, 42, nov. 1992.

ORTIZ, Renato. (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.

SCHOPPA, René Fernandes. *150 anos do trem no Brasil: 30 de abril de 1854-2004*. s/ed., 2004.

TURAZZI, Maria Inez. *A euforia do progresso e a imposição da ordem: a engenharia, a indústria e organização do trabalho na virada do século XIX e início do XX*. Rio de Janeiro: Coppe, São Paulo: Marco Zero, 1989.